

No terceiro período administrativo (1958-1967), alguns planos voltados para o trabalho foram elaborados, no sentido de ampliar o movimento referente à produção indígena, embora orientados mais para a obtenção de lucros, não só para cobrir as despesas dos respectivos postos como para o emprêgo da forma julgada mais conveniente pela chefia da Inspetoria.

A olaria e a serralha foram novamente estabelecidas, mais foram precários os seus rendimentos. O movimento comercial, inicialmente intensificado, decaiu e o entreposto indígena supervisionado pela administração foi fechado, voltando os indígenas a seu antigo comércio com o pessoal da Guiana Francesa. Com a extinção do entreposto, o antigo agente foi reconduzido à direção do PIN, mas as verbas para a manutenção dos serviços não foram liberadas. Em vista disto, deslumbrou a possibilidade de obter recursos através de outras fontes oficiais, possibilitando o alistamento eleitoral dos indígenas conforme pretendiam os políticos regionais. Em 1960, uma seção foi criada na sede do estabelecimento e no primeiro pleito de âmbito nacional, o candidato apoiado pelo governo do território teve vitória unânime e assim o mesmo em outros pleitos. As promessas de ajuda a estas comunidades contra o voto não se concretizaram e em consequência disto 50% dos eleitores não compareceram mais às urnas.

A assistência sanitária foi negligenciada, voltando os grupos a procurarem mais o pajé do que nas outras fases anteriores, a sugerir manifestação reativa do grupo perante o processo aculturativo.

A ação do SPI passou a declinar e a Colônia Militar de Fronteira passou a influenciá-los. Os índios já estão aceitando a introdução do búfalo pelos militares e possibilitando mesmo o casamento temporário de suas filhas com os soldados.

Concluindo, o trabalho nos mostra a evolução das atividades do antigo SPI com os grupos indígenas do rio Uaçá, mostrando nas suas administrações sucessivas a falta de experiência e de pessoal qualificado do referido Orgão para lidar com os índios. Isto pode ser verificado nas suas proposições de caráter econômico que nunca encontraram eco entre os grupos indígenas.

O trabalho é um retrato de uma administração que não corresponde com a realidade indígena e que não foi efetivada somente nesta área, mas também com os demais grupos indígenas brasileiros.

Cumprе ressaltar que o trabalho vem acompanhado de notas de rodapé explicativas de certos trechos do texto, de uma bibliografia sobre a área e de ilustrações mostrando aspectos destes grupos. — CRISTINA ARGENTON COLONELLI.

HARTMANN, Thekla — *Nomenclatura Botânica dos Borôro*. Instituto de Estudos Brasileiros, publ. n.º 6, São Paulo, 1967, 87 pp.

O presente trabalho, como a própria Autora afirma "constitui parte de uma preocupação de longa data com o complexo das relações do indígena brasileiro, particularmente do Borôro, com a flora de seu *habitat*". Para que o trabalho fôsse realizado, foi feito um levantamento de fontes bibliográficas, coleta de material em campo junto aos Borôro das Missões e controle com os grupos fora das Missões (SPI).

A preocupação básica é a nomenclatura botânica, os processos que a ela conduzem e as sugestões a problemas que coloca.

A monografia compreende três partes: Distinção entre espécies vegetais; Palavras e radicais empregados na nomenclatura botânica dos Borôro e Categorias de classificação.

I. — Distinção entre espécies vegetais.

Neste item é visto como o Borôro, diferentemente do civilizado, identifica o seu mundo vegetal sem levar em conta a inflorescência. Outros critérios de avaliação são utilizados, tais como: *habitat* diferencial, características do tronco, tamanho diferencial das espécies, características arbóreas ou arbustivas, cor das flores, semelhança geral indicada pelo sufixo — "reu", tamanho diferencial das folhas. Cada um dos critérios é acompanhado de exemplos.

Como a preocupação nesta fase do trabalho é verificar se os Borôro estabelecem distinção entre espécies e gêneros, a Autora discute mais detalhadamente o problema de certos termos usados na nomenclatura botânica que correspondem à termos de parentesco da sociedade Borôro. É o caso de *umána* (parente) ou *imána* (irmão mais velho). Através de exemplos a este respeito conclui pela existência de tal distinção.

II — Palavras e radicais empregados na nomenclatura botânica dos Borôro.

Nesta segunda parte, mostra a divisão do mundo vegetal Borôro, que pode ser identificada nos recursos morfológicos que a distingue. Há o grupo das palmeiras identificadas pela designação *ito* e as demais plantas subdivididas segundo sua forma, com as seguintes designações: *t* e *tpo* (árvores), *ika* e *iwara* (arbustos), *ikurêde* (cipós), *two* (canas e taquaras).

Uma lista de radicais empregados em cada um dos dois grandes grupos é dada e o critério adotado por eles se resume no seguinte: radicais em relação ao caule, à raiz, à folha, ao fruto, à flor, vários.

Um problema é ressaltado neste item com relação à palavra *erúbo* e suas variante *orúbo* e *forúbo* (remédio), visto que o mundo vegetal está dividido por plantas *erúbo*, remédio e plantas que não apresentam esta qualidade. Geralmente, as plantas apresentam dois nomes: um em relação ao seu nome de fato e outro revelando suas propriedades terapêuticas. Quase sempre aparecem associadas a animais ou a partes deles.

III — Categorias de classificação.

Numa tentativa de uniformização, a Autora toma como critério as categorias elaboradas por Cadogan para o caso Guarani; retirando, porém, aquelas não encontradas entre os Borôro. Assim, das vinte e cinco categorias Guarani, apenas quinze foram usadas na classificação Borôro, que foram as seguintes: Nomes ligados à fauna, nomes relacionados com características do tronco-caule, nomes baseados em características do fruto-bulbo-semente, nomes ligados ao sabor-perfume da planta, nomes em "reu" = semelhante à, nomes derivados de qualidades resinosas-gomosas da planta, nomes que indicam o emprego da planta, nomes ligados a artefatos da cultura material, nomes ligados a plantas cultivadas, nomes relacionados com fenômenos meteorológicos-corpos celestes, nomes ligados a crenças-cerimoniais-sobrenatural, nomes relacionados a seres humanos, nomes indicando o *habitat* das plantas, vários.

As conclusões a que a Autora chega podem ser assim enumeradas:

1 — os critérios empregados para a designação das plantas e a classificação da flora do *habitat* borôro estão ligados a outros aspectos de sua cultura, a uma concepção de vida de povos caçadores;

2 — há entre os Borôro o conceito de gêneros, bem expressivo. O conjunto de radicais e palavras para designar plantas em geral e as palmáceas pode indicar uma gradação precisa dentro da escala de classificação do mundo botânico borôro;

3 — há a superposição de dois processos de designação botânica: um objetivo, baseado nas características morfológicas da planta; e outro; de cunho terapêutico real, atribuído ao mesmo vegetal;

4 — o material levantado mostra uma classificação mais detalhada a respeito dos vegetais do cerrado, do que a respeito dos da floresta, o que é de se esperar; tendo em vista o *habitat* tradicional e preferencial da tribo.

O trabalho traz ainda, em apêndice, as plantas identificadas do inventário bororo e uma bibliografia. — CRISTINA ARGENTON COLONELLI.

BORGES PEREIRA, João Baptista — *Côr, Profissão e Mobilidade — O Negro e o Rádio de São Paulo*, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais e Editora da USP, São Paulo, 1967, 286. pp.

O rádio e o futebol são duas subexpressões da sociedade brasileira consideradas pelos cientistas sociais como campos onde o negro encontrou condições excepcionais de ajustamento profissional. O Autor, que é professor de Antropologia da Universidade de S. Paulo, analisa neste livro o processo de interação entre brancos e negros no meio radiofônico paulista, considerado este como uma dimensão da estrutura ocupacional dentro de uma realidade ampla e diversificada, representada pela cidade de S. Paulo.

Constituem objetos de análise, neste trabalho pioneiro, o momento histórico do aparecimento do rádio ligado a objetivos educacionais e a sua posterior comercialização e transformação em meio de comunicação de massa. Ao lado desta transformação, dá-se a reformulação de padrões de gosto e de construção musicais que leva a exaltação de um tipo de música popular identificada ao mesmo tempo à vida urbana e ao grupo negro. Esta segunda identificação exprime o fator que em parte explica o aproveitamento de representantes desse contingente populacional, ainda em tentativas de integração social, pela radiodifusão empresarial. Numa primeira parte, ao lado desta análise histórica, o A. focaliza a estrutura e os mecanismos de mobilidade da moderna empresa radiofônica. Numa segunda parte, começa por examinar a distribuição quantitativa, a participação e a mobilidade do negro naquele ambiente de trabalho; depois, focaliza o jogo complexo de fatores que permitiu, ou facilitou, seu aproveitamento naquele campo profissional; e, termina por ampliar a análise da participação do negro radialista tanto no contexto profissional ligado ao rádio (agências de publicidade, clubes noturnos, gravadoras etc.) como na sociedade ampla.

O rádio surgiu na vida brasileira depois da I Guerra Mundial, quando se iniciou o processo lento, mas irreversível, de substituição da sociedade rural tradicional pela vida urbana e industrial. São os primeiros sinais do aparecimento de uma sociedade de massa, criando novas necessidades, dentre as quais, novas maneiras de comunicação. É neste momento que surge a radiodifusão, poderoso e inédito elemento de manipulação da opinião pública, influenciando na formação de novas mentalidades e divulgando novos estilos de vida. Como diz o A., no 2.º capítulo, o rádio surge como privilégio e propriedade de uma elite intelectualizada, com o objetivo expresso de levar educação e cultura ao povo: é o rádio educativo. Posteriormente este rádio educativo é substituído pelo comercial, que cumpre três funções: publicitária, informativa e lúdica. A estrutura da moderna empresa radiofônica é traçada no 3.º capítulo, tomando-se como base um modelo-ideal ou padrão. Esta empresa está alojada numa *macroestrutura* formada também pelos anunciantes, publicitários e ouvintes. É neste campo estruturado que se verificam os processos de mobilidade ("trânsito de personalidades"), objetos de análise do 4.º capítulo.